



A atividade de revisão no âmbito editorial

Risoleide Rosa Freire de Oliveira¹
UFRN/UERN

Resumo: Considerando-se que a revisão de textos é um trabalho fundamental no mundo contemporâneo, haja vista o grande número de publicações em diversas esferas e áreas de conhecimento, o objetivo deste artigo é demonstrar a importância dessa atividade em âmbito editorial. Para retratar a complexidade da revisão em situações em que o revisor se depara com conflitos e concepções cristalizadas de linguagem e autoria, resgata-se a experiência de três revisores, por meio de entrevistas, focalizando como eles se relacionam com o autor e como gerenciam os conflitos acerca dos problemas linguístico-discursivos detectados no texto. Os diálogos entre os revisores demonstram que a interação revisor-autor se faz necessária, uma vez que, por um lado, possibilita aos autores esclarecerem dúvidas, no caso da falta de conhecimento do revisor em determinada área, e, por outro, permite ao revisor, de sua posição exotópica, com seu excedente de visão, ajudar os autores a darem acabamento ao texto, mostrando-lhes problemas que não conseguem ver por estarem, possivelmente, muito familiarizados com o texto.

Palavras-chave: revisão de textos, trabalho, práticas de linguagem.

Abstract: The text review is an important work in the modern world, due to the vast number of publications in different areas of knowledge. For that reason, this article aims to show the importance of that activity in the editorial field. To describe the complexity of the review work during situations that the reviewer is confronted by conflicts and strong beliefs related to the language and authorial control, it was collected a narrative of three reviewers, by interviews, focusing on the kind of relationship they had to the authors and how they manage the conflicts about the linguistic-discursive problems found in the text. The reviewers comments show that it is important the interaction reviewer with author, because there are a possibility that the author answer some questions, that is, he/she can clarify some reviewer doubts about some subject, on the other hand, it helps to the reviewer, with his experience, from his point of view, to present to the author some improvement for his/her text, pointing out, for example, some problems that the authors do not perceive due to they are probably used to the text.

Keywords: text review, work, language practice.

1. Introdução

No mundo contemporâneo, a revisão de textos é uma atividade necessária, tanto no âmbito escolar quanto no âmbito do trabalho, sendo vista, principalmente, segundo duas

¹ riso@ufrnet.br; risoleiderosa@uern.br



perspectivas: (1) uma estruturalista, como uma etapa subsequente à produção escrita, com o objetivo principal de corrigir o texto e detectar violações nas convenções da norma culta, pautada no senso comum de que revisar resume-se a corrigir ortografia, pontuação, concordância verbal e nominal, de acordo com as normas apontadas em gramáticas, dicionários e manuais; (2) outra dialógica, como uma atividade recursiva, deixando de lado a concepção de etapas lineares, sendo tratada como uma atividade de rever e retrabalhar um texto quantas vezes forem necessárias, observando também as relações de sentido.

Levando em conta principalmente a segunda perspectiva, o objetivo deste trabalho é focalizar a relação revisor-autor. Dentre os poucos estudos (cf. OLIVEIRA, 2007) que tratam da revisão como trabalho importante no mundo editorial, destaca-se o de Arrojo (2003), por focalizar essa atividade em situação profissional. Para tanto, a autora analisa a relação autor-revisor tomando como base a obra de ficção *História do cerco de Lisboa*, de Saramago (1998). Ela relaciona a decisão tomada por Raimundo Silva² de ignorar a hierarquia cristalizada nessa relação – acrescentando um “não” ao texto, na linha em que o autor afirma “que os cruzados auxiliarão os portugueses a tomar Lisboa” –, com o mito da torre de Babel. Justifica tal analogia dizendo que, conforme esse mito, a decisão divina de destruir a torre ocorreu diante da possibilidade de ameaça à sua construção por “pretensiosos construtores”.

Segundo Arrojo, a atitude de Raimundo de concretizar a vontade de pôr o “não” em um livro escrito por outra pessoa torna-o um revisor “subversivo”, pois ele infringe a hierarquia que deveria existir entre o revisor e o autor, além de todas as normas que regem seu trabalho. Com esse “ato de consciente e extrema interferência”, o revisor assume, por fim, o desejo de reescrever o texto revisado por ele. Para ela, essas relações de conflito ocorrem porque o revisor ainda é visto como um profissional que, por um lado, deve apenas corrigir os erros gramaticais, e, por outro, a exemplo de outros profissionais como o tradutor, sua situação profissional é “geralmente associada a uma reputação de traidor marginal e de escritor desajeitado”. Isso se deve, ainda de acordo com Arrojo (2003, p. 193), a “concepções de ‘original’ e de autoria que partem de noções essencialistas de linguagem, segundo as quais seria possível congelar significados e protegê-los em ‘invólucros’ textuais que deveriam ser abordados com todo o cuidado”.

² Personagem central da obra, um revisor de textos que presta serviços a uma editora lisboeta, cujo trabalho, por ser praticado na própria casa, é caracterizado como “[...] individual e doméstico” (SARAMAGO, 1998, p. 77).



Pelo exposto acima, é possível verificar a complexidade da atividade de revisão em situações em que o revisor se depara com conflitos e concepções cristalizadas de linguagem e autoria, como analisa Arrojo (2003).

Na tentativa de ilustrar mais concretamente essas situações é que destaco neste trabalho trechos de entrevistas³ com três profissionais, focalizando principalmente como eles se relacionam com o autor e como gerenciam os conflitos surgidos acerca dos problemas linguístico-discursivos detectados no texto.

A escolha desses revisores para dialogar sobre suas práticas profissionais se deve à atuação na atividade de revisão por muitos anos e à experiência deles na revisão de gêneros diversos como convites, relatórios, portarias, notícias, ensaios, artigos, monografias, dissertações, teses, além de livros, revistas e jornais, podendo tais materiais ser impressos e/ou digitais.

2. Revisão de textos como prática discursiva

Por entender que há necessidade de uma concepção dialógica de linguagem para respaldar a atividade de revisão, apresento nesta seção as ideias transpostas do Círculo de Bakhtin, pois os construtos teóricos daí advindos são bastante pertinentes para subsidiar a prática vivenciada pelos profissionais da área de revisão de textos, uma vez que consideram as situações concretas de interação. Desse modo, trato da revisão como prática essencialmente sociodiscursiva.

Para Bakhtin/Volochinov (1990), a interação verbal constitui a realidade fundamental da língua. Com base nessa tese, os autores propõem a análise da linguagem na interação, dando a ela um caráter inerentemente social, o que possibilita concebê-la primordialmente como atividade, como processo e não apenas como sistema, como produto. Nessa perspectiva discursiva, os sujeitos em interação agem com e sobre a linguagem, num processo contínuo de encontro/confronto de vozes e posições axiológicas, o que implica o diálogo, em sentido amplo, travado nas atividades desenvolvidas nas diferentes esferas da vida humana, devendo-se considerar, para tanto, a situação concreta em que os enunciados são produzidos, ou seja, as condições de produção, circulação e recepção e não apenas o sistema abstrato das formas

³ Essas interações ocorreram em dois momentos: o primeiro, por meio de entrevistas individuais *online*, e o segundo, em entrevista coletiva (cf. OLIVEIRA, 2007).



da língua nem o psiquismo individual do autor. Isso porque todo dizer carrega valor, refratando sempre o posicionamento axiológico daquele que utiliza a língua em determinada situação interativa, daí a proposta de se analisar, primeiramente, a interação relacionada com suas condições concretas de realização, em seguida as distintas enunciações em relação às peculiaridades de cada interação verbal, para, então, examinar a língua na sua interpretação usual.

Nesse percurso metodológico de análise, é dado à linguagem e às formas da língua um caráter inerentemente social, relacionando-as com as condições concretas de realização. Com isso, os recursos lexicais, morfológicos e sintáticos da língua como sistema, utilizados para mostrar a posição valorativa do autor, só assumem determinado juízo de valor se produzidos em uma situação discursiva concreta, pois “as palavras não são de ninguém, em si mesmas nada valorizam, mas podem abastecer qualquer falante e os juízos de valor mais diversos e diametralmente opostos dos falantes” (BAKHTIN, 2003, p. 290).

Para Bakhtin/Volochinov (1990), a estrutura é o ponto de chegada e não o ponto de partida da análise linguística, o que é reforçado por Bakhtin (2003) quando afirma que o texto é constituído por dois polos: o do sistema da língua, da ordem do repetível, reproduzível e convencional, e o do enunciado, do acontecimento, da ordem do irrepetível, irreproduzível e único, sendo o texto considerado, no primeiro polo, como elemento apenas linguístico, da ordem do material, do dado, no qual ocorre a relação intersignica, enquanto que, no segundo polo, o do texto como enunciado, da ordem do singular, do criado, do contexto genuíno, se dá a relação entre pelo menos duas vozes, dois pontos de vista, duas consciências.

Assim, os sentidos podem variar de acordo com a entonação apreciativa, determinada pela situação imediata e pelo contexto no qual a palavra está sendo enunciada, o que lhe dá um caráter polissêmico, plural, heterogêneo, não se restringindo a uma definição de dicionário. Desse modo, a palavra é compreendida a partir da interação socioverbal entre os participantes.

Partindo, portanto, da ideia segundo a qual nada é, *a priori*, dotado de significado próprio, sendo a realidade socialmente construída e os sentidos a ela atribuídos relacionados com as experiências humanas, alerto que as interpretações aqui apresentadas, envolvendo a compreensão de como os revisores veem o trabalho de revisão, não têm a pretensão de ser prescritivas e normativas, mas tão somente de procurar entender como ela é concebida, levando em consideração a experiência de profissionais que atuam concretamente na área.



Conforme observar-se-á, para eles, a revisão se configura como uma atividade de retrabalhar um texto quantas vezes forem necessárias, deixando de lado a concepção de etapas lineares e procurando levar também em conta as relações discursivas, além das estritamente linguísticas.

Desse modo, a revisão é uma atividade complexa que pressupõe não apenas o conhecimento da língua mas também de práticas socioverbais em diversas esferas da vida humana, considerando-se as transformações pelas quais passam a sociedade e a linguagem no mundo contemporâneo. Conforme demonstrado ao longo deste texto, esse mundo exige uma redefinição qualitativa do papel do revisor, não podendo esse profissional se restringir aos mesmos procedimentos e às mesmas concepções de revisão de épocas anteriores. As mudanças de ordem científica, tecnológica e sociocultural, ocorridas nas últimas décadas, pedem que profissionais e instituições ampliem seus conhecimentos e suas práticas para acompanhá-las.

Nesse sentido, o revisor precisa estar sempre atento às transformações e adequações por que passa seu material de trabalho: o texto, que pode se apresentar em diversos gêneros, elaborados pelas mais diferentes pessoas e instituições, nas variadas áreas de conhecimento e de atuação. Isso se faz necessário até mesmo nos gêneros orais, como anúncios publicitários, notícias e reportagens veiculados em rádios e telejornais, os quais, antes de serem expostos ao público, passam pelo processo de escritura e adequação ao contexto de produção e circulação. Isso mostra a necessidade de o revisor estar atento às peculiaridades e singularidades dos diversos gêneros discursivos que circulam nas diferentes atividades humanas, conforme mostrarão a seguir os depoimentos dos revisores, aqui apresentados sob os pseudônimos Aurélio, Fernando e Lígia.

3. Os revisores, suas concepções e experiências

Os trechos das entrevistas individuais, assim como da entrevista coletiva (KRAMER, 2003) a seguir transcritos, são bastante significativos para a compreensão do trabalho do revisor, uma vez que demonstram a relevância de uma inter-relação entre a prática profissional e a teoria.



Essas entrevistas realizadas especificamente com profissionais atuantes foram fundamentais para o entendimento da atividade de revisão porque elas se configuram como “interrogação e conversa, isto é, diálogo” (BAKHTIN, 2003, p. 319).

Fernando, um dos revisores entrevistados, dá uma definição bastante esclarecedora do trabalho de revisão, quando diz:

A revisão não é só um trabalho mecânico que você olha assim e vai resolvendo problema a problema por uma técnica. Isso é um aspecto que se sobressai mais. Mas a ordem da frase, os hábitos, as características do estilo do autor tem que ser levadas em consideração. [...] Todos nós [bons revisores] temos experiência dessa ordem.

Para tanto, o profissional de revisão tem de ser uma pessoa com “boa experiência de leitura” e com uma “curiosidade sempre acesa para as questões da linguagem, suas inovações, neologismos, mudanças semânticas e ortográficas, tendências da língua, empréstimos, mudanças de regência, entre outras”, de acordo com Fernando. Daí por que, para ele, é indispensável a prática diária da leitura de jornais, pelo menos de um jornal local, além de jornais ou revistas nacionais, “que exprimem as tendências do português moderno, informação indispensável para quem tem a revisão como ofício”, função que, segundo Fernando, “é das mais espinhosas: pede tudo, praticamente, do profissional, e retribui pouco”.

Segundo Fernando, tanto os aspectos linguísticos quanto os discursivos “são importantes e não podem ser negligenciados numa boa revisão”. Em defesa desse argumento, ele assinala que a importância dos aspectos linguísticos se dá devido à sua riqueza e diversidade e por serem indispensáveis para a produção textual, pois “definem o estilo, a forma de um autor, revelam o nível de seu desempenho linguístico, sua criatividade, capacidade de jogar com o instrumental que o vernáculo lhe oferece”. Os aspectos discursivos, por sua vez, mostram “de que modo um autor realiza seus objetivos textuais, as ideias que defende, a capacidade de sondar os grandes problemas humanos – sociais, existenciais, psicológicos etc.”. Assim, para Fernando, “tanto o conteúdo quanto a forma de um texto são fundamentais, sobretudo, quando se trata do fazer literário. Ainda quando a questão se restrinja a desempenho discursivo – capacidade de expressão de determinado enunciador – ambas mantêm uma mútua relação que, quando desequilibrada, afeta também o equilíbrio do enunciado”.



Fernando enfatiza a necessidade desse eficiente trabalho de revisão no âmbito editorial, ilustrando com o exemplo a seguir:

Isso mostra a importância do revisor numa editora, e me lembra de um caso ocorrido em uma grande editora, a Topbooks, que publicou, ou melhor, republicou uma edição de *Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre. E o livro tem um subtítulo, que é: *formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*, mas saiu *formação da família brasileira sobre o regime de economia patriarcal*. Ou seja, a Topbooks colocou sobre ao invés de sob. Mudou totalmente o sentido.

Como instrumental básico para seu trabalho, Fernando cita dicionários, guias ortográficos e uma “boa gramática”. Ele frisa que os dicionários devem ter sido publicados, de preferência, em edições recentes, porque “como se costuma dizer, um dicionário com mais de 10 anos de publicação já está defasado em alguns aspectos importantes da língua. Mas não estão inúteis, e podem ajudar a dirimir dúvidas quando cotejados com edições mais recentes”. Fernando ressalva, porém, que esses suportes devem ser utilizados criticamente, “pois as questões de estilo, sobretudo o literário, mas também o dialetal, o científico etc., têm sua especificidade [...]. É importante zelar pelo frescor, pela autenticidade de certos falares que, doutro modo, perdem todo o seu encanto próprio”. Segundo ele, fazer a conciliação dessas singularidades com a norma culta da língua “é uma tarefa que só a experiência e a sensibilidade treinada do revisor vão conseguir distinguir”. Com esse posicionamento, ele reforça mais uma vez a importância de o profissional não se limitar às normas preestabelecidas, mas se abrir para a heterogeneidade e a pluralidade linguísticas tão presentes no mundo contemporâneo.

Em relação às mudanças internas por que passa a língua, “aposentando” certos vocábulos em troca de outros mais “modernos”, aportuguesando estrangeirismos, incorporando neologismos etc., Fernando afirma que “as inovações linguísticas devem ser vistas com cautela”. Como exemplo, cita as gírias, as quais, por serem passageiras, não deveriam ser consideradas como inovações, pois “se esgotam quase sempre numa geração, sendo substituídas por outras, na geração seguinte”. Outro exemplo dado por Fernando se refere aos aspectos estruturais, como “a tendência a iniciar frases com pronomes oblíquos, o uso simultâneo de dois pronomes relativamente ao mesmo sujeito, as alterações na regência verbal, com troca de certa preposição por outra, como ‘sobre’ por ‘de’”, entre tantas outras,



que, segundo ele, deveriam ser levadas em consideração na hora de decidir “como e o que revisar”. Essa preocupação por parte do profissional se justifica, de acordo com Fernando, porque “as línguas são organismos vivos, e, como tais, evoluem com as sociedades humanas que delas fazem uso”. É o caso, segundo ele, do português contemporâneo, “língua portuguesa, mas de forma brasileira, que, quando cotejada com o português de Portugal, revela já profundas diferenças, tanto de ordem semântica quanto discursiva”. Daí por que “o revisor deve acompanhar com atenção o que se passa no universo linguístico, que é o nosso, pois com certeza essa entidade abstrata, mas viva, que é o português brasileiro, está em permanente mutação, como todas as línguas vivas, e, portanto, apresenta sempre feições novas por baixo da aparente estabilidade linguística”.

Fernando compara o trabalho do revisor ao do tradutor, para dizer que, “ao contrário do tradutor, que hoje divide a capa de livros com o autor, o revisor ainda passa por um anônimo, que só ganha identidade para quem se dê ao trabalho de ler as informações constantes no verso da folha de rosto do livro que estiver lendo”. Para ele, independentemente de isso acontecer com o revisor, seu trabalho “precisa ser mais bem valorizado não só em termos sociais, mas principalmente econômicos”. Para tanto, aconselha Fernando, o revisor deveria “investir mais no seu próprio trabalho, tornando-o, preferencialmente, uma atividade-fim, e não uma atividade-meio (ou ‘bico’) como acontece com grande parte desses profissionais. [...] evoluir da condição de revisor-professor-produtor de texto-redator etc., para a condição de revisor que eventualmente realiza outros tipos de trabalho”. O depoimento de Fernando, que emerge como uma voz de autoridade devido à sua experiência tanto na revisão como na tradução, é sintomático e retrata as condições que são postas para o revisor, tanto do ponto de vista financeiro quanto de prestígio intelectual, o que de certa forma corrobora a análise de Arrojo (2003) acerca do trabalho do revisor.

Ao tratar da relação que o profissional deve estabelecer com os autores no processo de revisão, Fernando diz que vê essa interação como indispensável, porque se por um lado só o autor é capaz de “dirimir determinadas dúvidas que não se esgotam na questão da norma culta”, como questões de “significado”, “conteúdo”, “intenção”, entre outras, por outro, o revisor também pode utilizar esse momento de interação “para corrigir ou melhorar colocações ambíguas e que passaram despercebidas ao autor”, solucionando assim os problemas encontrados no texto. Para ele, “nessa interação, tanto o revisor como o autor ganham, em termos de experiência e de enriquecimento profissional”.



Lígia, por sua vez, destaca a avaliação dos problemas de ordem discursiva no trabalho de revisão. Segundo ela,

analisar a superfície do texto é simples, basta desenvolver um olhar de lince... que a gente vai em cima. Mas o trabalho do revisor não é só isso. [...] Considerando, por exemplo, num texto acadêmico, que a pessoa quer defender uma tese, quer argumentar em torno daquela tese, e quer fazer com que o leitor se convença que o que ele faz é relevante, [...] Então, nesse sentido, o revisor entraria [...] para aperfeiçoar o projeto de dizer dessa pessoa. Nesse sentido, é importante salientar que, embora o olhar de lince do revisor para a superfície textual seja desenvolvido, é muito mais importante observar as relações discursivas, quais são as metas que essa pessoa tem, e para atingir essas metas, o que ela precisa preencher em termos de lacuna, de discurso.

Lígia alerta, entretanto, que conversar com o autor sobre os aspectos discursivos é bastante complexo:

[...] é muito mais tranquilo, mais rápido e objetivo dizer e mostrar ao autor erros ortográficos e de concordância verbal e nominal. [...] fazer a intervenção junto ao autor do ponto de vista do dizer, do como dizer, isso é muito difícil. [...] Por exemplo: uma pessoa escreve o texto do ponto de vista da norma culta impecavelmente, mas do ponto de vista do dizer, do que ela quer mostrar com aquele texto há uma série de lacunas que a gente precisaria, na posição de revisor, orientar para que ele fortaleça os argumentos.

Mesmo ressaltando os aspectos da ordem do discurso, Lígia reconhece a necessidade do domínio linguístico por parte do revisor. Isso pode ser compreendido quando diz que um profissional da área de revisão, para subsidiar suas atividades, não pode deixar de “recorrer a um bom dicionário, uma gramática normativa confiável e, às vezes, uma gramática de usos”. Entretanto, em algumas ocasiões, segundo ela, é “o estilo do autor, a temática ou o gênero, ou todas essas peculiaridades”, que lhe dão pistas para perceber se há necessidade de utilizar “determinada terminologia ou letra maiúscula ou diferente paragrafação, não sendo possível seguir à risca determinadas orientações, porque cada texto responde a uma situação de comunicação diferente e isso requer, muitas vezes, adequações não previstas nos manuais que utilizamos como instrumentos de trabalho”. Essas reflexões de Lígia são importantes para caracterizar a atividade de revisão no mundo atual, cujas mudanças e transformações exigem do profissional mais autonomia e aprofundamento das questões relacionadas com a



linguagem, que não se restringem às normas de gramáticas e manuais. Assim, apesar de enfatizar que um bom revisor não pode negligenciar a dimensão linguística, para Lígia “o aspecto discursivo é bem mais importante, porque é ele que dará sustentabilidade à escrita”, sendo fundamental observar “o gerenciamento de vozes que o autor opera; a condução dada à escrita; a adequação da linguagem ao gênero e aos interlocutores do texto, entre outros tantos aspectos”.

No tocante à relação do profissional com os autores e os problemas encontrados no texto, Lígia considera “fundamental a interação revisor-autor uma vez que os sentidos de um texto não estão dentro dele, mas são construídos na relação do leitor com o texto a revisar”, daí que algumas lacunas podem “não ser problemas de escrita, mas falta de conhecimento do próprio revisor em determinada área”. Nesse caso, só a explicação do autor permitirá que “o revisor possa analisar se aquilo que o autor quis expressar está coerente com o que foi escrito”. Para ela, como é nessa interação com o autor que podem ser solucionados alguns problemas maiores do texto, ela não costuma “interferir em um texto alheio sem que antes haja essa conversa, a não ser que o problema encontrado seja de natureza formal. Se assim o for, não há muito o que se discutir, é só seguir a regra”. Ao reconhecer a falta de conhecimento do revisor sobre algumas questões, lacuna que somente pode ser preenchida no diálogo com o autor, Lígia reafirma a interação necessária nas relações humanas em situações sociais, com a troca de ideias e experiências.

Lígia também reforça a necessidade de interação entre o revisor e o autor, assim como o respeito a este, ao se posicionar sobre neologismos e mudanças linguísticas e dizer que se considera “tolerante” com relação a esses aspectos. Entretanto, reconhece que se “preocupa muito com a adequação da linguagem ao gênero discursivo e aos interlocutores de cada texto que revisa”, por isso sempre “sugere aos autores que não sejam ‘criativos’ demais no manejo da língua ao escreverem, por exemplo, para a esfera acadêmica ou outras esferas que exigem um padrão de maior formalidade”. Para Lígia, “esse cuidado do revisor ajuda a preservar a face do autor”. Com isso, ela chama a atenção para o respeito que o profissional deveria ter com o autor, o que poderia ser concretizado nas estratégias interativas utilizadas nos momentos de discussão do texto, as quais, para serem bem-sucedidas, necessitam que haja abertura por parte tanto de um quanto de outro.

Para Lígia, entretanto, apesar de sua importância e necessidade, a atividade de revisão não é reconhecida como deveria, possivelmente devido ao “preconceito ainda forte de que o



trabalho do revisor se restringe a corrigir as vírgulas mal empregadas e as palavras equivocadamente escritas, função para a qual os programas de revisão (computador) já estão aptos a substituir o revisor”. Contrapondo-se a essa visão equivocada, ela diz que o trabalho de revisão é muito mais amplo, sendo “o revisor um profissional da linguagem que pode fazer a diferença na hora de tornar público o projeto de dizer de alguém”.

As palavras de Lígia, amiúde coincidentes com as de Fernando, permitem entender que, na interlocução entre autor e revisor, ambos trocam conhecimentos e pontos de vista: enquanto o revisor intervém em aspectos relacionados com a linguagem, o autor interfere para melhor explicar seus posicionamentos assim como os sentidos que possam surgir dos enunciados no texto. Nesse ponto, estabelece-se uma relação em que ora é o autor que assume o papel de autoridade, ora é o revisor, instaurando-se assim um processo dialético entre eles.

De acordo com Aurélio, o terceiro revisor entrevistado, para desempenhar a função de revisor de textos, é necessário que o profissional detenha conhecimento em várias áreas, uma vez que se defronta com textos sobre os mais variados assuntos. Para ele, no entanto, mesmo considerando a diversidade temática e a questão relevante da contextualização, “o fundamental encontra-se na ortografia e nas concordâncias verbal e nominal”, pois o bom profissional, além de segurança e domínio linguístico, deve ser “um policial da língua”.

Reforçando tal posição, diz que o profissional tem de se atualizar sempre “porque a nossa língua é mutável”, ele cita como exemplos formas lexicais e sintáticas, dizendo que “quando é para o bem comum, necessário se faz renunciar a algo em prol de uma boa causa”. Com essas palavras, Aurélio acentua que o revisor, na posição de “policial da língua”, deve seguir continuamente a norma culta, o que reflete um modelo tradicional de revisão, preso às normas gramaticais e que deixa de lado as peculiaridades de cada texto, com seus diversos temas e formatos.

Ao tratar da forma como as questões linguísticas e discursivas devem ser observadas em um texto, Aurélio se restringe a dizer que elas “não devem ser levadas pelo lado da importância, porque tudo é importante, tanto na área técnica quanto na área literária”, demonstrando assim pouca familiaridade com essa problemática.

Em relação aos instrumentos de trabalho utilizados pelo revisor de textos, Aurélio aponta, a exemplo de Fernando e Lígia, gramáticas e dicionários, enfatizando que não consegue trabalhar “sem contar com uma boa gramática, algum livro que auxilie rápido para



que sejam tiradas algumas dúvidas, um bom dicionário”. Possivelmente por ter experiência com revisão na tela do computador, Aurélio ressalta também as facilidades proporcionadas pelas novas tecnologias: “com o aparecimento dos micros a coisa foi ficando mais atualizada. No próprio monitor o revisor pode realizar as correções que porventura achar necessário”.

Demonstrando mais uma vez experiência no manuseio de computadores, e talvez por isso mais abertura às novas tecnologias e a sua interferência no trabalho do revisor, Aurélio reconhece que “a área de computação se desenvolve muito rapidamente, sendo importante o profissional dominá-la, pois ela dispõe de vários recursos que o auxiliam de forma fantástica, como os do editor de textos, os de programas de consulta, os dos dicionários eletrônicos”. Segundo ele, os recursos proporcionados pelo editor de texto Word – como sublinhar em vermelho a palavra que esteja grafada de forma incorreta, e, na cor verde, erros de concordância verbal ou nominal –, são importantes porque o profissional pode revisar diretamente na tela do computador.

Ainda segundo Aurélio, as possibilidades de pesquisa *online*, a exemplo do *website* Google, ajudam a solucionar várias dúvidas por serem “de altíssima capacidade”, assim como um dicionário eletrônico agiliza com precisão a consulta ortográfica de palavras, além de fornecer subsídios, “como, por exemplo, ao se digitar um verbo, dispor-se dele conjugado em todos os tempos e em todas as pessoas, em fração de segundos”. Apesar disso, ressalta que “nem sempre o editor de texto está com a razão”, daí não acreditar que “o conteúdo humano possa desaparecer, até porque a máquina sempre necessitará de pessoas, tanto para inventá-la e incrementá-la como para manuseá-la”. Com isso, ele enfatiza que a postura do revisor diante das novas tecnologias, as quais servem de instrumentos mediadores para o seu trabalho, não deveria ser de subserviência; pelo contrário, caso haja dúvidas diante das sugestões fornecidas pela máquina, a última palavra sempre será a do revisor.

No que se refere à relação entre o revisor e os autores no processo de revisão, Aurélio diz ser necessária “uma sintonia muito afinada no relacionamento entre ambos, para que o trabalho tenha o êxito desejado” e a interação entre revisor e autor ocorra “no mais alto nível de concordância”. Para ele, por um lado, os revisores, por terem “uma visão bem mais aguçada e se encontrarem em um outro ângulo de visão, podem ter mais facilidade para ver algo novo ou diferente”, e, por outro lado, os autores, “por saberem seu texto na ponta da língua e dominarem bem a área e o assunto”, não observam algumas “negligências” ou alguns “lapsos”. Daí por que é necessário existir “um *feedback* entre as partes envolvidas no processo,



para que se chegue a um consenso”. Dessa forma, segundo Aurélio, a relação entre o revisor e o autor ficaria mais sólida, “resultando num trabalho mais prazeroso”. Assim como Fernando e Lígia, ele aponta a interação revisor-autor como fundamental no trabalho de revisão.

Entretanto, Aurélio demonstra certo receio ao se defrontar com aqueles autores mais fechados às sugestões do revisor ou quando tem de tomar decisões:

[...] nós temos algumas dificuldades, [...] quando você vai fazer uma revisão e as pessoas envolvidas no processo, principalmente as que produzirem, como o bolsista ou jornalista, não se encontram para retirar as dúvidas e o revisor tem que liberar o texto para a internet, colocar na *homepage*. [...] E eu não me sinto muitas vezes com soberania, não me sinto autônomo para tomar uma decisão.

Ao tratar da situação atual do trabalho do revisor, Aurélio toma como exemplo sua própria vivência para afirmar que “é altamente reconhecido, uma vez que dá plena soberania à função do revisor de textos”. Contudo, ao se voltar para a situação do profissional na sua cidade, ele assinala a falta que faz um revisor nessa área, ao avaliar que “Muitos jornais não mantêm mais a pessoa do revisor, principalmente os de Natal. Por isso, pagam um alto preço com as críticas nem sempre construtivas”. Nesse aspecto, o desprestígio e a pouca visibilidade dada ao trabalho do revisor na capital potiguar são um ponto coincidente entre Aurélio, Fernando e Lígia.

Transpondo os conceitos bakhtinianos para o trabalho de revisão, é possível dizer que os aspectos relacionados com os sentidos do texto, da ordem do discurso, enfatizados pelos revisores, só podem ser compreendidos se se olhar o texto em relação a uma situação concreta de comunicação. Para tanto, o revisor precisa levar em consideração quem escreveu o texto, o que remete à problemática da autoria; para quem escreveu, o que remete à relação de alteridade e à alternância dos sujeitos do discurso; de que lugar escreveu, o que remete à esfera/área/atividade; sobre o que escreveu, o que remete ao conteúdo temático; como escreveu, o que remete à forma composicional e ao estilo. Em seguida, voltar o “olhar de lince”, como tão bem nomeou Lígia, para as questões normativas e estruturais, revisando tanto os aspectos gramaticais quanto os notacionais.

Assim como Fernando e Aurélio, Lígia considera a interação entre o revisor e o autor fundamental, pois nessa situação discursiva eles podem solucionar, ou não, questões relacionadas com o querer-dizer e as metas do autor, as características do estilo do autor, as



lacunas deixadas ao longo do texto, sugerindo mudanças para que este fique mais adequado ao gênero discursivo em que está inserido. Ela reforçou assim a complexidade dessa relação, principalmente no que se refere às intervenções que questionam os posicionamentos e dizeres do autor, daí ser “mais tranquilo” trabalhar no nível da norma.

No que se refere ao trato do texto com o autor, como mostrado nos trechos destacados anteriormente, Lígia e Fernando apresentaram posições convergentes quando se referiram à interação revisor-autor, no sentido de que cabe ao revisor demonstrar conhecimento e segurança, quando da discussão do texto, para que o autor tenha credibilidade em seu trabalho e aceite suas sugestões. Estas, segundo eles, vão além da correção de problemas ortográficos, podendo o revisor intervir, não se restringindo a um trabalho que o computador pode fazer. É importante destacar que eles procuraram passar isso para Aurélio na entrevista coletiva, uma vez que este algumas vezes demonstrou certa fragilidade e insegurança em relação ao modo como deveria se portar diante do autor, o que reforça a importância da autonomia do profissional nessa situação interacional.

4. Conclusões

É inegável, pelos dizeres dos revisores entrevistados, a necessidade e a importância do trabalho de revisão nas diversas atividades humanas, sendo a interação com o autor, para solucionar os problemas encontrados no texto, principalmente os de ordem discursiva, o recurso mais construtivo e mais efetivo para a adequação textual ao gênero em análise. Isso se justifica porque os aspectos discursivos, por implicarem posições axiológicas, necessitam que o revisor converse com o autor para melhor compreendê-los, não podendo tomar decisões sozinho, a exemplo do que pode fazer com alguns problemas estritamente estruturais do texto, o que reforça a importância de se escutar o outro para melhor interpretar o seu projeto de dizer, com suas singularidades e peculiaridades.

Para revisar o texto nessa perspectiva, o profissional precisaria ter uma compreensão de linguagem mais ampla, no caso a concepção dialógica aqui apresentada, segundo a qual a linguagem é “um *processo de evolução ininterrupto*, que se realiza através da *interação verbal social dos locutores*”, ao contrário daquela estruturalista, que a concebe como um “sistema estável de formas normativamente idênticas [...] que não dá conta de maneira adequada da *realidade concreta* da língua” (BAKHTIN, 1990, p. 127, grifos do autor).



Essa nova perspectiva é avalizada, unanimemente, pelos revisores quando eles tratam da relação entre o revisor e o autor no processo de discussão do texto, pondo a descoberto a importância da interação como meio eficaz para solucionar os problemas linguístico-discursivos encontrados: Aurélio, quando diz que “o revisor, por se encontrar num outro ângulo de visão, pode ter mais facilidade para ver algo novo ou diferente”; Fernando, quando afirma que “tanto o revisor como o autor ganham, em termos de experiência e de enriquecimento profissional”; e Lígia, quando reforça que a “conversa com o autor pode solucionar alguns problemas maiores do texto”. Desse modo, eles apontam para noções bakhtinianas centrais na situação sociodiscursiva, como as de alteridade (relação eu-outro) e exotopia (excedente de visão), as quais são necessárias para que haja um efetivo trabalho de revisão. Esses conceitos emergem de seus discursos quando externam a preocupação de resolver com o autor os problemas encontrados no texto como também ao reconhecerem a falta de conhecimento do próprio revisor em determinada área, o qual necessita da interação com o autor para esclarecimentos.

Com isso, fica evidente a necessidade de, no processo de discussão de um texto para esclarecer as dúvidas, ocorrer efetivamente uma interação socioverbal entre revisor e autor, sendo a decisão de mudar ou adequar construções ou palavras tomadas conjuntamente, e não uma atitude solitária do revisor, pois o texto tem autoria, e esta deve ser respeitada. Se, como defende Bakhtin, toda palavra carrega valor, refratando sempre o posicionamento axiológico daquele que a utiliza em determinada situação enunciativa, o revisor não pode, sozinho, decidir qual palavra usar, pois por trás de um texto, produto de um sujeito social e historicamente situado, existe sempre uma visão de mundo, um universo de valores, uma posição axiológica. O que o revisor pode, com seu excedente de visão, é ajudar o autor a dar acabamento ao texto. Desse modo, o autor também assume um movimento exotópico, de distanciamento de seu texto, e, nesse deslocamento, pode prestar mais atenção ao sentido, ao valor que algumas palavras podem assumir em determinados contextos, épocas, espaços, lugares e situações sociodiscursivas, procedendo, assim, às adequações e aos ajustes necessários. Nesse movimento de troca de conhecimentos no processo de revisão, ora do autor com o revisor, ora deste com aquele, ambos se enriquecem com a experiência vivenciada, na medida em que se posicionam como sujeitos ativos.

Entretanto, para se subsidiar nessa visão dialógica de linguagem, segundo a qual não basta o conhecimento formal da língua, o revisor precisa analisar o texto considerando a



situação concreta de comunicação, o que implica levar em conta os papéis e lugares ocupados pelos autores, pois só assim poderá compreender e respeitar os posicionamentos deles, materializados na forma como escrevem o conteúdo, ou, como propõe Bakhtin (1990), “a forma do conteúdo”, que reflete e refrata as posições axiológicas.

Na verdade, como diz Fernando, “[...] o revisor vai ser um profissional cada vez mais solicitado porque a linguagem é uma coisa que está presente em nossa vida, no nosso dia a dia, mas também está presente em nossas atividades profissionais”.

Referências

ARROJO, Rosemary. A relação exemplar entre autor e revisor (e outros trabalhadores textuais semelhantes) e o mito de Babel: alguns comentários sobre História do cerco de Lisboa, de José Saramago. *Delta*, v. 19, n. especial, p. 193-207, 2003.

BAKHTIN, Mikhail/VOLOCHINOV, Valentin [1929]. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

BAKHTIN, Mikhail. [1934-35, 1975]. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

BAKHTIN, Mikhail [1952-53, 1979]. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KRAMER, Sônia. Entrevistas coletivas: uma alternativa para lidar com diversidade, hierarquia e poder na pesquisa em ciências humanas. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; SOUZA, Solange Jobim e; KRAMER, Sônia (Org.). *Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 57-76.

OLIVEIRA, Risoleide Rosa Freire de. *Revisão de textos: da prática à teoria*. Natal: EDUFRN, 2010.

SARAMAGO, José [1989]. *História do cerco de Lisboa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.